



Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra

Com quantos fios se tece uma reflexão?
Narrativas e argumentações no tear da interação

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Departamento de Letras da PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Inés Kayon de Miller

Rio de Janeiro

Abril de 2007



Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra

Com quantos fios se tece uma reflexão?

Narrativas e argumentações no tear da interação

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Inés Kayon de Miller

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Liliana Cabral Bastos

Departamento de Letras - PUC-Rio

Profa. Lúcia Pacheco de Oliveira

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Maria Elisa Knust Silveira

Universidade Federal Fluminense - UFF

Profa. Solange Coelho Vereza

Departamento de Letras Estrangeiras Modernas -UFF

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra

Graduou-se em Letras (português-inglês) pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Mestre em Linguística Aplicada pela mesma universidade. Leciona na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é coordenadora do curso de pós-graduação em língua inglesa desta faculdade. Participou de diversos congressos nas áreas de ensino-aprendizagem de língua estrangeira e de formação de professores.

Ficha Catalográfica

Bezerra, Isabel Cristina Rangel Moraes

Com quantos fios se tece uma reflexão? Narrativas e argumentações no tear da interação / Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra ; orientadora: Inés Kayon de Miller. – 2007.

302f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Prática exploratória. 3. Narrativa conversacional. 4. Argumentação. 5. Reflexão profissional. 6. Identidade profissional. 7. 8. Crenças. I. Miller, Inés Kayon de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Para Carlos,
pelo ‘amor-companheiro’.

Para meus pais, Sebastião e Odete,
pelo afeto e incentivo constantes.

Para minha irmã Ana, para Dani e Juju,

Para D. Benedita,
pelos momentos de ajuda.

Agradecimentos

À minha querida orientadora Inés Kayon de Miller, acima de tudo, pela amizade discursivamente co-construída, pelo saber generosamente partilhado ao longo dos anos e pelo estímulo, parceria e sabedoria com os quais me auxiliou para a produção deste trabalho.

Ao meu marido Carlos pela paciência, compreensão e apoio em todos os momentos.

Aos meus pais pela educação, carinho e incentivo.

À minha ‘sogrinha’ pela ajuda constante.

Aos meus queridos amigos do CELE pela colaboração na construção da pesquisa e por me abrirem espaço não apenas no CELE, mas em seus corações.

Às professoras Liliana Cabral Bastos, Lúcia Pacheco de Oliveira, Maria do Carmo Leite de Oliveira e Maria das Graças Dias Pereira por tudo que aprendi acadêmica e profissionalmente.

A todas as queridas amigas do Grupo de Prática Exploratória da PUC-Rio do qual orgulhosamente faço parte e com as quais tenho partilhado muitos puzzles profissionais e pessoais.

Aos meus colegas da PUC-Rio, em especial à querida Adriana Nóbrega Kuschnir, pela amizade e incentivo.

A todas as funcionárias do Departamento de Letras, em especial à Chiquinha, pela ajuda e paciência com todos nós, os pós-graduandos.

A todas as professoras que participaram da banca examinadora.

À PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais não haveria uma história de doutorado a ser contada e uma tese a ser escrita.

A todos os meus parentes e amigos que direta ou indiretamente me estimularam e ajudaram a prosseguir.

Resumo

Moraes Bezerra, Isabel Cristina Rangel; Miller, Inés Kayon (Orientadora). **Com quantos fios se tece uma reflexão? Narrativas e argumentações no tear da interação.** Rio de Janeiro, 2007. 302p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A reflexão profissional, para ser significativa, deve estar intrinsecamente ligada aos porquês dos envolvidos, segundo o viés proposto pela Prática Exploratória. Assim, esta tese traz sua colaboração para a área de formação continuada de professores de língua estrangeira ao focalizar o processo de co-construção de conhecimentos e de reflexão docente desenvolvido em um curso de idiomas no qual envolvi-me em uma consultoria exploratória com alguns colegas. A utilização dos princípios da Prática Exploratória para a condução do processo de reflexão eminentemente discursivo de fazer sentido da ‘vida em sala de aula’ (e fora dela) permitiu que o mesmo priorizasse a ‘qualidade de vida’, o ‘envolvimento’ e a ‘busca da união de todos’, o ‘desenvolvimento mútuo’, ainda que fosse possível mapear momentos de embate e de negociação de significados conflitantes. Ressalto que esse processo de ‘trabalhar para entender’ tornou-se híbrido na medida em que a pesquisa se fazia presente, envolvendo também os colegas. Dessa forma, a configuração discursiva das reuniões reflexivas ensejou discussões de nossas crenças, momentos de construção identitária, dentre outras questões, na medida em que tentávamos, enquanto grupo, fazer sentido da nossa prática docente. Sublinho que, neste trabalho, tomo o discurso em sua centralidade nos processos de negociação de entendimentos sobre quem somos e sobre o mundo social onde as práticas discursivas se configuram e, particularmente, para a construção discursiva da reflexão. Considerando o formato de nossos encontros – uma reunião para estudos e reflexão – narrativas e argumentações eram tecidas no tear da interação em consequência do uso de Atividades de Reflexão com Potencial Exploratório para darem início aos questionamentos. Portanto, a análise micro-discursiva que faço das interações tomam estes dois elementos como categorias fundamentais de análise para responder às questões ou *puzzles* que encaminham meu olhar de pesquisadora-consultora. Finalmente, ressalto ainda neste trabalho o olhar analítico não apenas à ação discursiva dos colegas, mas à minha também, especialmente no tocante à ação de consultora. Acredito que direcionar o foco de análise para minha ação discursiva contribui para a construção de um espaço no campo epistemológico da reflexão profissional voltado à reflexão do consultor sobre seu fazer profissional.

Palavras-chave

Prática Exploratória; narrativa conversacional; argumentação; reflexão profissional; identidade profissional; crenças.

Abstract

Moraes Bezerra, Isabel Cristina Rangel; Miller, Inés Kayon (Advisor). **How many threads to weave a reflection? Narrative and argumentation in the loom of interaction.** Rio de Janeiro, 2007. 302p. PhD Thesis – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

According to the Exploratory Practice Principles, for professional reflection to be meaningful, it must be deeply related to the puzzling questions formulated by those involved in the process. Therefore, this thesis makes its contribution to the area of EFL in-service teacher education as it focuses on the process of co-construction of knowledge and professional reflection developed with some colleagues in a language course where I got involved in an exploratory consultancy activity. Using the principles of Exploratory Practice to carry out this inherently discursive reflection process of making sense of ‘life in the classroom’ (and outside of it) allowed us to prioritize ‘quality of life’, ‘everybody’s involvement and union’, and ‘mutual development’ – even though it was possible to spot moments of conflicting meaning negotiation. I emphasize that the process of ‘working to understand’ became hybrid inasmuch as the academic research side was also present and involved my colleagues as well. Hence, the discursive configuration of our reflective sessions brought about discussion of our teaching and learning beliefs, identity construction moments, just to name a few issues, while we tried to make sense of our own teaching practice. Discourse is a central issue in this thesis in the meaning negotiation processes concerning who we are, the social world where discursive practices come to be, particularly, the discursive construction of reflection. Within the format of our reflective study sessions, narratives and argumentations were woven in the loom of interaction via Reflective Activities with Exploratory Potential to work for deeper understandings of our puzzles. Thus, the micro-discursive analysis of the face-to-face interactions took these two elements to respond to the questions or *puzzles* that led my research-consultant look. Finally, I also want to highlight that, in this thesis, I did not only direct my attention to my colleagues’ discursive action, but also to mine, especially in the consultant role. I believe that turning the focus to my discursive action has added to the construction of a space in the epistemological field that is devoted to professional consultant reflection on his/her own professional practice.

Keywords

Exploratory Practice; conversational narrative; argumentation; professional reflection; professional identity; beliefs.

Sumário

| | |
|---|----|
| 1. Introdução ou “Encontrando o fio da meada...” | 16 |
|---|----|

Parte I

| | |
|--|----|
| 2. Discurso – o fio sempre presente | 26 |
|--|----|

| | |
|---|----|
| 2.1. Discurso: espaço de tecer ideologia, poder, diálogo, conhecimento e ação | 27 |
|---|----|

| | |
|------------------------------------|----|
| 2.2. A natureza social do discurso | 28 |
|------------------------------------|----|

| | |
|-----------------------|----|
| 2.3. Discurso e poder | 31 |
|-----------------------|----|

| | |
|------------------------------|----|
| 3. Tecendo a pesquisa | 34 |
|------------------------------|----|

| | |
|--|----|
| 3.1. A pesquisa na tradição qualitativa – conflito, diálogo ou miscigenação de paradigmas? | 34 |
|--|----|

| | |
|---|----|
| 3.2. Linguística Aplicada – engajamento ético na construção sócio-discursiva de saberes | 41 |
|---|----|

| | |
|--|----|
| 3.3. Um fio multicolorido: por que a Prática Exploratória? | 45 |
|--|----|

| | |
|--|----|
| 3.3.1. Priorizando a qualidade de vida: o foco da Prática Exploratória no trabalho para entender | 45 |
|--|----|

| | |
|---|----|
| 3.3.2. Prática Exploratória como forma de pesquisar a vida no grupo de reflexão | 52 |
|---|----|

| | |
|--|----|
| 3.3.3. A pesquisa do praticante ou a figura do <i>practitioner researcher</i> tecendo seu conhecimento | 56 |
|--|----|

| | |
|---|----|
| 3.3.4. Uma pergunta que não quer calar: como fica a questão da mudança? | 58 |
|---|----|

| | |
|--|----|
| 3.3.5. Há uma ar de (auto-)etnografia também | 62 |
|--|----|

| | |
|--|----|
| 4. Entendendo a prática pedagógica sob uma perspectiva discursivo-reflexiva | 66 |
|--|----|

| | |
|---|----|
| 4.1. Reflexão/ refletir: Existem modelos? | 67 |
|---|----|

| | |
|---|----|
| 4.2. Algumas abordagens reflexivas para a prática docente | 68 |
|---|----|

| | |
|--|----|
| 4.3. O lugar de construir conhecimentos/ entendimentos e crenças na ação docente reflexiva | 74 |
|--|----|

| | |
|-----------------------------------|----|
| 4.4. Ora, direis, ouvir críticas? | 80 |
|-----------------------------------|----|

| | |
|---|----|
| 5. Construção identitária na ação discursiva | 84 |
|---|----|

| | |
|--|----|
| 5.1. O mundo pós-moderno: identidades dinâmicas e fragmentadas | 84 |
|--|----|

| | |
|---|----|
| 5.2. Sócio-construção de identidade: o papel do discurso e a possibilidade de performance | 87 |
|---|----|

| | |
|---|----|
| 5.3. Identidades de grupo: quando o ‘eu’ se torna ‘nós’ | 91 |
|---|----|

Parte II

| | |
|--|----|
| 6. Fios teóricos do discurso institucional-reflexivo no tear da interação | 95 |
|--|----|

| | |
|--|----|
| 6.1. A conversa como matriz de outras interações | 95 |
|--|----|

| | |
|--|----|
| 6.2. Como entender a interação na instituição? | 97 |
|--|----|

| | |
|---|-----|
| 6.3. Discurso da conscientização profissional: conversa de profissionais tornando-se conversa reflexiva | 100 |
|---|-----|

| | |
|--|-----|
| 6.4. Conversa profissional: <i>locus</i> de construção identitária e de <i>expertise</i> | 101 |
| 7. Para entender a urdidura do tecido interacional: foco nos micro pontos da sócio-construção | 103 |
| 7.1. Tecendo considerações sobre as macro estruturas sociais e as micro estruturas discursivas | 103 |
| 7.2. Fazendo sentido da interação: contexto, enquadre, alinhamento, pistas de contextualização | 106 |
| 7.3. Face: a possibilidade de tecer o micro e o macro | 114 |
| 7.4. O ponto-a-ponto da argumentação | 116 |
| 7.5. Para a configuração da análise há mais um ponto... | 118 |
| 8. Narrativas para fazer sentido do mundo, interpretar experiências e construir o <i>self</i> | 119 |
| 8.1. Estudo de narrativas: um terreno interdisciplinar | 119 |
| 8.2. Narrativa é construção | 122 |
| 8.3. Narrativa: memória e contexto para fazer sentido do vivido | 124 |
| 8.4. A estrutura da narrativa laboviana – um ponto de entrada para análise | 125 |
| 8.5. O tópico na narrativa | 128 |
| 8.6. A narrativa na construção do eu | 129 |
| 8.7. Narrativas no contexto de trabalho | 131 |
| Parte III | |
| 9. A Prática Exploratória no tear: cada ponto da pesquisa | 136 |
| 9.1. Tecendo a Prática Exploratória na ação de refletir e de pesquisar | 136 |
| 9.2. Tecendo a pesquisa: os primeiros pontos | 144 |
| 9.3. Havia um nó: a sustentabilidade | 149 |
| 10. Nosso grupo de reflexão: uma comunidade de prática exploratória e discursiva | 151 |
| 10.1. <i>A instituição</i> : o Centro de Ensino de Línguas Estrangeiras | 151 |
| 10.2. Sobre nossa comunidade de estudos e de prática reflexiva | 152 |
| 10.3. Sobre os <i>puzzles</i> | 155 |
| 10.4. Quem somos nós? Olhando mais de perto | 156 |
| 10.5. Transformando conversas profissionais reflexivas em dados | 162 |
| 11. Múltiplos desenhos discursivos | 164 |
| 11.1. A trama dos <i>desenhos do narrar</i> | 165 |
| 11.1.1. Microcena 1 - Sobre dois vícios do professor | 165 |
| 11.1.2. Microcena 2 - Sobre identidade de alunos e professores | 168 |
| 11.1.3. Microcena 3 - “Ele ia me dar nota” | 175 |
| 11.1.4. Microcena 4 - Sobre poder e tentativa de defesa | 178 |
| 11.1.5. Microcena 5 - O dia em que ‘little Anthony’ virou criança | |
| Microcena 6 - Uma estória puxa outra | 181 |
| 11.1.6. Microcena 7 - Uma estória para dois | 185 |
| 11.1.7. Microcena 8 - Quando “eu substituí a Daniela” | 189 |
| 11.1.8. Microcena 9 - Sobre afeto | |
| Microcena 10 - Sobre transparências | 193 |
| 11.2. A trama dos <i>desenhos do argumentar</i> | 200 |

| | |
|--|-----|
| 11.2.1. Microcena 11 - Prática Exploratória e reflexão | 201 |
| 11.2.2. Microcena 12 - Prática Exploratória é... | 203 |
| 11.2.3. Microcena 13 - Crenças sobre ler e escrever | |
| Microcena 14 - "Eu não faço esse exercício" | 206 |
| 11.2.4. Microcena 15 - Gramática? "Pra pessoa se comunicar não é essencial" | 213 |
| 11.2.5. Microcena 16 - Como o aluno deve sentir-se para aprender? | 215 |
| 11.2.6. Microcena 17 - Há lugar para tradução? | 219 |
| 11.2.7. Microcena 18 - "Não sei, isso é muito relativo" | 223 |
| 11.3. Desenhos híbridos: <i>quando narrativa e argumentação se articulam</i> | 228 |
| 11.3.1. Microcena 19 - Mila e a Prática Exploratória | 228 |
| 11.3.2. Microcena 20 - Prática profissional: momento crítico 1 | 233 |
| 11.3.3. Microcena 21 - Ensinar para o aluno fazer prova?: momento crítico 2 | 238 |
| 11.3.4. Microcena 22 - A autoridade da orientadora educacional | 244 |
| 11.3.5. Microcena 23 - Um caso de estratégia de aprendizagem | 248 |
| 11.3.6. Microcena 24 - Discutindo a vida no CELE: enquadres conflitantes | 253 |
| 11.4. Para arrematar os desenhos | 258 |
| 12. Refletindo sobre a experiência: o tecido e seus desenhos | 259 |
| 12.1. <i>Puzzle 1</i> | 260 |
| 12.2. <i>Puzzle 2</i> | 261 |
| 12.3. <i>Puzzle 3</i> | 263 |
| 12.4. <i>Puzzle 4</i> | 265 |
| 12.5. Outros desenhos a tecer... | 267 |
| 13. Referências bibliográficas | 269 |
| 14. Apêndice | 285 |

Lista de Quadros Analíticos por Microcena

| | |
|---|-----|
| Microcena 1 – <i>Sobre dois vícios do professor</i> | |
| Quadro analítico 1 | 167 |
| Microcena 2 – <i>Sobre identidades de alunos e professores</i> | |
| Quadro analítico 2 | 169 |
| Quadro analítico 3 | 170 |
| Microcena 3 – <i>“Ele ia me dar nota.”</i> | |
| Quadro analítico 4 | 176 |
| Quadro analítico 5 | 177 |
| Microcena 4 – <i>Sobre poder e tentativa de defesa</i> | |
| Quadro analítico 6 | 180 |
| Microcena 5 – <i>O dia em que little Anthony virou criança</i> | |
| Quadro analítico 7 | 182 |
| Microcena 8 – <i>Quando “eu substituí a Daniela”</i> | |
| Quadro analítico 8 | 191 |
| Quadro analítico 9 | 192 |
| Quadro analítico 10 | 193 |
| Microcena 9 – <i>Sobre afeto</i> | |
| Quadro analítico 11 | 195 |
| Quadro analítico 12 | 196 |
| Quadro analítico 13 | 196 |
| Microcena 10 – <i>Sobre transparências</i> | |
| Quadro analítico 14 | 199 |
| Microcena 12 – <i>Prática Exploratória é ...</i> | |
| Quadro analítico 15 | 205 |
| Microcena 13 – <i>Crenças sobre ler e escrever</i> | |
| Quadro analítico 16 | 207 |
| Quadro analítico 17 | 210 |
| Microcena 14 – <i>“Eu não faço esse exercício.”</i> | |
| Quadro analítico 18 | 212 |
| Microcena 15 – <i>Gramática? “Pra pessoa se comunicar não é essencial.”</i> | |
| Quadro analítico 19 | 214 |
| Microcena 16 – <i>Como o aluno deve sentir-se para aprender?</i> | |
| Quadro analítico 20 | 217 |
| Quadro analítico 21 | 218 |
| Microcena 17 – <i>Há lugar para a tradução?</i> | |
| Quadro analítico 22 | 220 |
| Quadro analítico 23 | 223 |
| Microcena 18 – <i>“Não sei, isso é muito relativo.”</i> | |
| Quadro analítico 24 | 226 |
| Quadro analítico 25 | 227 |
| Microcena 19 – <i>Mila e a Prática Exploratória</i> | |
| Quadro analítico 26 | 230 |
| Quadro analítico 27 | 230 |
| Quadro analítico 28 | 231 |
| Quadro analítico 29 | 231 |
| Quadro analítico 30 | 232 |

| | |
|--|-----|
| Microcena 20 – <i>Prática profissional: momento crítico 1</i> | |
| Quadro analítico 31 | 234 |
| Quadro analítico 32 | 234 |
| Quadro analítico 33 | 236 |
| Quadro analítico 34 | 238 |
| Microcena 21 – <i>Ensinar para o aluno fazer prova?: momento crítico 2</i> | |
| Quadro analítico 35 | 239 |
| Quadro analítico 36 | 240 |
| Quadro analítico 37 | 241 |
| Quadro analítico 38 | 242 |
| Quadro analítico 39 | 244 |
| Microcena 22 – <i>A autoridade da orientadora educacional</i> | |
| Quadro analítico 40 | 245 |
| Quadro analítico 41 | 246 |
| Quadro analítico 42 | 246 |
| Quadro analítico 43 | 247 |
| Microcena 23 – <i>Um caso de estratégia de aprendizagem</i> | |
| Quadro analítico 44 | 249 |
| Quadro analítico 45 | 251 |
| Quadro analítico 46 | 252 |
| Microcena 24 – <i>Discutindo a vida no CELE: enquadres conflitantes</i> | |
| Quadro analítico 47 | 256 |
| Quadro analítico 48 | 257 |
| Quadro analítico 49 | 257 |

SOBRE A APRESENTAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO NAS MICROCENAS

Nesta tese, optei por trabalhar com microcenas retiradas do corpus originado das gravações dos encontros de nosso grupo de estudos, reflexão e pesquisa que aconteceram por quase três anos em um curso de idiomas. Por isso, em cada uma delas há a indicação da data em que o dado foi coletado, bem como a indicação da página. Assim, [p.3] significa página três. Além disso, esclareço que a numeração das linhas sempre começa do número um porque entendi ser uma forma de tecer a análise, tornando a leitura mais amigável ao leitor – uma vez que na transcrição original usei apenas o turno.

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

| | |
|--------------------------------------|--|
| (2.3) | pausa medida |
| . | entonação descendente ou final de elocução |
| , | entonação de continuidade |
| ↑ | subida de entonação |
| ↓ | descida de entonação |
| <u>sublinhado</u> | ênfase |
| MAIÚSCULA | fala em voz alta ou muita ênfase |
| : ou :: | alongamentos |
| - | não é enunciado o final projetado da palavra |
| - - - - | silabação (letra a letra) |
| repetições | reduplicação de letra ou sílaba |
| °palavra° | fala em voz baixa |
| >palavra< | fala mais rápida |
| <palavra> | fala mais lenta |
| = | elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas, engatamento de turnos |
| [| colchetes duplos no início do turno simultâneo (quando dois falantes iniciam o mesmo turno juntos) |
| [] | Colchete abrindo e fechando o ponto da sobreposição, com marcação nos segmentos sobrepostos – sobreposições localizadas |
| “palavra” | fala relatada |
| () | fala não compreendida |
| (palavra) | fala duvidosa |
| (()) | comentário do analista, descrição de atividade não verbal (tosse, atitude, expressão face, gestos, ruídos do meio ambiente, dentre outros) |
| hh | aspiração ou riso |
| eh, ah, oh, ih, hum, ahã, humhum, hã | Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção |

ABREVIações UTILIZADAS

| | |
|------|--|
| ACD | Análise Crítica do Discurso |
| APPE | Atividade Pedagógica com Potencial Exploratório |
| ARPE | Atividade Reflexiva com Potencial Exploratório |
| CELE | Centro de Estudos de Línguas Estrangeiras (nome fictício dado ao curso de idiomas onde a presente pesquisa foi desenvolvida) |
| l. | linha(s) – indica a(s) linha(s) em que se encontra a questão lingüística relevante para a análise e compreensão do fragmento no contexto de interação. |
| LA | Lingüística Aplicada |
| LE | Língua estrangeira |
| LM | Língua materna |
| PE | Prática Exploratória |
| TTC | <i>Teacher Training Course</i> – Curso para treinamento de professor de inglês |
| ZDP | Zona de Desenvolvimento Proximal |

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.

Bakhtin ([1929] 2002)

Mas por que uma abordagem dialógica? Para que a discussão em torno dessas ciências – quanto ao seu método, seu rigor, sua cientificidade ou suas condições de possibilidade - possa incluir a questão da alteridade. Pois nossa primeira hipótese é de que em torno dessa questão que, em grande parte, se organiza a produção de conhecimentos.

Amorim (2004)

Reflection involves intuition, emotion, and passion and is not something that can be neatly packaged as a set of techniques for teachers to use.

Zeichner and Liston (1996)

All we can do is inspire them, or at least hope to, with the idea that they will need to learn whatever they can from others' words, but that in the end they will have to develop their own understanding [...] from their own experience.

Allwright (2002)